

**FACULDADE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTO DE JUVENTUDE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADOLESCÊNCIA E  
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**A VIOLÊNCIA DA ESCOLA CONTRA O JOVEM**

**ROBSON MALACARNE**

**GOIÂNIA**

**2008**

**FACULDADE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTO DE JUVENTUDE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ADOLESCÊNCIA E  
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

## **A VIOLÊNCIA DA ESCOLA CONTRA O JOVEM**

**ALUNO: ROBSON MALACARNE**

**ORIENTADORES: Prof. Ms. FERNANDO LIMA DAS NEVES  
Prof. Ms. LOURIVAL RODRIGUES DA SILVA**

**Monografia apresentada ao Curso de Pós-  
graduação Lato Sensu em Adolescência e  
Juventude no Mundo Contemporâneo  
como requisito para grau de especialista.**

**GOIÂNIA  
2008**

A todos que de alguma forma contribuíram para que eu supera-se mais este desafio, e escreve-se mais uma página no livro de minha vida.

## RESUMO

A atual sociedade, ao pensar a juventude, tende a defini-la como irresponsável, desinteressada, em sua maioria, tende a fazer comparações com as juventudes dos anos 60 e acaba taxando a atual geração como apolítica. Esta monografia procura entender a juventude por uma outra perspectiva. Entende que o jovem de hoje é marcado pela diversidade, por diversas formas de se comportar e ver o mundo, diferente de outras épocas, com organizações políticas diferentes, mas um grupo que merece ser compreendido como um sujeito de direitos, um sujeito social com interesses diversos, e talvez, este jeito de ser seja um desafio para a Escola, ao preferir um grupo de alunos de comportamentos similares e padronizados do que várias juventudes. Tal postura escolar pode ser um dos motivos para o comportamento do jovem na Escola, por não ser respeitado em sua diversidade, as juventudes buscam formas de se rebelar contra as regras estabelecidas pela instituição escolar. A Escola, diante deste comportamento, busca modos de controlar tais rebeldias, o que a leva a cometer violências contra este jovem, principalmente no campo simbólico. Portanto, o objetivo desta monografia é estudar as violências sofridas por jovens de uma Escola de Cariacica. Para isso escolheu-se a Escola Construindo o futuro. A partir da entrevista de três estudantes, a pesquisa busca compreender o universo destes jovens e entender as violências sofridas por eles.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>06</b>
<b>CAPÍTULO 1 – JUVENTUDES, ESCOLA E VIOLÊNCIAS</b> .....	<b>10</b>
1.1. Juventude no Contexto Atual .....	10
1.2. Ordem de Nascimento, Níveis de Maturidade e Geração .....	11
1.3. O Mal-Estar Moderno e Pós-Moderno e as Juventudes .....	14
<b>CAPÍTULO 2 – OS JOVENS DA ESCOLA CONSTRUINDO O FUTURO</b> .....	<b>16</b>
2.1. Perfil dos (as) Jovens .....	16
2.2. Sociabilidade dos (as) Jovens .....	20
2.3. A Escola no Olhar dos (as) Jovens .....	21
<b>CAPÍTULO 3 – A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DA ESCOLA</b> .....	<b>23</b>
3.1. Compreensões sobre a Violência .....	23
3.2. Escola, Espaço de Violências de Gênero? .....	30
3.3. Jovem, Pobre e Negro (a), Uma Classe Perigosa para a Escola? .....	32
3.4. Escola, Espaço de Violências? .....	35
<b>CONCLUSÕES E SUGESTÕES</b> .....	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>44</b>
ANEXO A – Roteiro de Entrevista - Jovem .....	44
ANEXO B – Projeto Político Pedagógico .....	47
ANEXO C – Tabelas .....	57

# INTRODUÇÃO

A violência transformou-se em uma rotina do brasileiro, especialmente nas grandes cidades. Ao verificar-se a taxa de homicídios por 100 mil habitantes no Brasil, conforme Unesco apud Camacho (2003), percebe-se que Vitória é a capital mais violenta do país. Nota-se ainda, em uma pesquisa realizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (apud Camacho, 2003), que indicou as 100 Cidades mais violentas do país, quatro municípios da Grande Vitória entre os quinze primeiros colocados (Serra, Cariacica, Vitória, Vila Velha).

Destaca-se neste contexto, a criação do “mito da não-violência” do povo brasileiro, que, segundo Chauí (1998), é trabalhado no seio da sociedade com o intuito de manter a realidade social vigente, na tentativa de tornar a violência um fato localizado, inclusive apontando culpados.

Neste trabalho, procura-se articular três elementos fundamentais: violência, escola e juventude. A intenção é **identificar as violências sofridas por jovens em uma escola de Cariacica**. Neste caso, a partir do tema “violências nas escolas”, a problemática suscitada é: a escola em estudo é um espaço de violências contra a juventude?

As fontes de informação primárias foram jovens estudantes da Escola Construindo o Futuro. Procurou-se, a partir da opinião de três jovens, uma negra, uma branca e um negro, observar a sua opinião sobre violências, física e simbólica, procurando focar na violência simbólica da escola. As fontes secundárias subsidiaram a elaboração do capítulo 2 e constituíram-se basicamente em livros, artigos técnicos, monografias, dissertações e teses.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário aplicado aos jovens estudantes da Escola Construindo o Futuro.

No questionário para os alunos existem questões abertas e fechadas a fim de coletar informações sobre: perfil do jovem, características de sociabilidade e a opinião do jovem sobre a escola.

Além disso, buscaram-se também sugestões dos alunos para diminuir as violências sofridas pelos (as) jovens. Vale lembrar que os dados foram tabulados por digitação em planilha eletrônica.

No que tange a classificação da pesquisa tomou-se como base a taxionomia apresentada por Vergara (2000, p. 46), que a qualifica, inicialmente, em relação a dois aspectos:

1- Quanto aos fins, a pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois visa estudar as violências sofridas por jovens em uma escola de Cariacica, além de ouvir as sugestões dos jovens para diminuir essas violências.

2- Quanto aos meios, a pesquisa foi de campo, pois se caracteriza por ser uma investigação empírica no ambiente da escola. Utilizou-se o questionário para tal efeito.

Por fim pode ser classificada como bibliográfica por trazer subsídios à pesquisa de campo através da análise de referências bibliográficas, que enriqueceram a pesquisa através da fundamentação teórica.

Não foi por acaso a definição de um tema relacionado à juventude para o projeto de pesquisa. Desde 1997 atuo nos grupos de jovens da Pastoral da Juventude da Igreja Católica, em meados de 2004, a necessidade de um melhor referencial teórico sobre o tema, me fez buscar a inserção no NEJUP (Núcleo de Estudos das Juventudes e Protagonismo) da UFES, orientado pela Professora Dr<sup>a</sup>

Vânia Manfroi. Tais fatos colaboraram no desenvolvimento de minha concepção de juventude.

Já o tema das violências nas escolas me despertou interesse em Abril de 2005, quando, na realização de um projeto do Departamento da Juventude da Prefeitura Municipal de Cariacica, da qual fui integrante, presenciei alguns conflitos entre funcionários da escola e alunos. A partir das leituras sobre a temática, observei que muitas vezes, ao contrário de meu pensamento inicial, são os alunos que sofrem desrespeito, alguns professores, chegam a afirmar que os alunos estão recebendo um excesso de direitos, e que é necessário uma maior disciplina e controle sobre estes jovens. Vale destacar as orientações recebidas por Luiza Mitiko, que me indicou a leitura de sua tese de Doutorado e das dissertações de Mestrado de Flávio Corsini Lório e Deane Monteiro Vieira Costa.

Essas violências assumem diversas dimensões no âmbito escolar, a esse respeito Chesnais apud Abramovay (2004), destaca que se deve hierarquizá-las segundo o custo social. A primeira concepção é a violência física, inclusive a violência sexual, que pode resultar em danos irreparáveis à vida dos indivíduos e, conseqüentemente, exige a reparação da sociedade mediante a intervenção do Estado.

O segundo conceito é a violência econômica que se refere somente aos prejuízos causados ao patrimônio, à propriedade, especialmente aqueles resultantes de atos de delinqüência e criminalidades contra os bens, também chamado de vandalismo.

Além da violência moral ou simbólica de várias ordens, que possui forte conteúdo subjetivo, sendo necessário considerar o papel de valores relacionados à alteridade e à diversidade neste processo.



Imperativo, portanto, o desenvolvimento de políticas públicas efetivas e de alto impacto visando à diminuição das violências nas escolas. O que requer o entendimento do atual contexto escolar e a percepção dos próprios atores sobre o fenômeno.

Diante desse contexto, a presente pesquisa propõe-se a **estudar as violências sofridas por jovens de uma escola de Cariacica.**

A escolha de uma Escola Municipal de Cariacica deve-se ao fato de que, eu por trabalhar no Departamento da Juventude da Prefeitura de Cariacica, tenho contato freqüente com Escolas, e me surpreendeu as falas da comunidade escolar sobre a violência entre os alunos.

Além disso, por ocasião da realização de uma atividade de meu trabalho nesta escola, pude ouvir relatos de alunos reclamando que possuem desejo de opinar sobre os rumos da escola e que, muitas vezes, não possuem espaço para debater estes assuntos.

A comunidade atendida pela **Escola de ensino Fundamental Construindo o Futuro (nome fictício dado à escola pesquisada)** constitui - se de famílias em situação atípica à grande maioria das escolas de Cariacica, pois se percebe a presença de um grupo de pais de alunos que são comerciantes, donas de casa, fazendeiros, empresários, operários e devido ao oferecimento do turno noturno, verifica-se também, cabeleireiros, diaristas, motoristas, secretárias do lar, pedreiros, aposentados e aqueles que sobrevivem do trabalho informal, bicos etc.

Destaca-se, entretanto, a presença no período noturno de um grande grupo de jovens, atrasados no que tange à série escolar, que buscam completar o Ensino Fundamental, com a expectativa de que possam ser beneficiados no alcance de seus projetos de vida, principalmente na inserção qualitativa no mercado de trabalho.

# **CAPÍTULO 1 – JUVENTUDES, ESCOLA E VIOLÊNCIAS**

## **1.1. JUVENTUDE NO CONTEXTO ATUAL**

Ao pensar a condição social da juventude no contexto atual, evita-se compreendê-la a partir do senso comum ou pelo conhecimento de apenas um autor. Tal postura diminui a chance em cometer equívocos de se reduzir à complexidade do fenômeno juvenil a um julgamento simplório e limitado do ponto de vista científico.

A juventude encontra-se num período de transformações, que envolve questões importantes como a escolha de uma profissão, a conquista do primeiro emprego, o desafio do vestibular, a opção sexual e a necessidade de afirmação diante do grupo de convivência.

Devido a esta condição, marcada por decisões voltadas para o futuro, tende-se a julgá-la como um período de vida transitório, sem grande importância em si mesma, pois se entende, que todas as suas ações devem ser direcionadas ao vir a ser e a preparação para o mundo adulto, tal julgamento equivocado acaba por dificultar o conhecimento da sua multiplicidade de perfis e questões específicas.

Outra tendência é enfatizar as características negativas da juventude, pois na maioria das vezes, projetam-se nas novas gerações, idealizações e valores de uma outra época, diferentes da condição atual.

A partir desse contexto, faz-se necessário debater algumas concepções sobre a juventude, como a que leva em consideração a faixa etária e a questão geracional, além de verificar a influência do mal estar moderno e pós-moderno sobre a condição juvenil.

## 1.2. ORDEM DE NASCIMENTO, NÍVEIS DE MATURIDADE E GERAÇÃO

Ao buscar conceituar o que é juventude, a primeira referência é a idade cronológica, basta verificar os dispositivos legais sobre juventude.

Na constituição Federal faz-se menção ao termo juventude uma única vez no art.24, ao estabelecer o que compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre a proteção à infância e à juventude.

O código civil conforme Lopez (2004, p. 30):

[...] estabelece em seu artigo. 3º que “são absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida os menores de dezesseis anos...” O art. 4º afirma que “são incapazes relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos...” e complementa no art.5º “a menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à pratica de todos os atos da vida civil e que cessará, para os menores, a incapacidade pela concessão dos pais, ou de um deles pela falta do outro, mediante instrumento público, independentemente de homologação judicial, ou por sentença do juiz, ouvido o tutor, se o menor tiver dezesseis anos completos; pelo casamento; pelo exercício de emprego público efetivo; pela colação de grau em curso de ensino superior; pelo estabelecimento civil ou comercial, ou pela existência de relação de emprego, desde que, em função deles, o menor com dezesseis anos completos tenha economia própria”.

O código penal, por sua vez, no art. 27 dispõe que “os menores de 18 anos são penalmente inimputáveis, ficando sujeitos às normas estabelecidas na legislação especial”, enquanto o art. 65, I, determina que “são circunstâncias que sempre atenuam a pena ser o agente menor de 21 (vinte e um), na data do fato, ou maior de 70(setenta) anos, na data da sentença”.

Já o Estatuto da Criança e do Adolescente – Ecriad, “em seu art.2º considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre

doze e dezoito anos de idade”. E por fim, nas Forças Armadas, o jovem pode apresentar-se para o serviço militar com 16 anos de idade.

Vale citar o Estatuto da Juventude, em tramitação no Congresso Nacional, que estabelece como sendo jovens, o seguimento da população com idade entre 15 e 29 anos.

Apesar desses conflitos da legislação, que não possui uma definição única, cai-se no equívoco de delimitar a juventude apenas através da idade, e ignora-se que a juventude é algo mais que uma faixa etária ou uma “classe de idade” Groppo (2000) conforme reforça QUIROGA (2001, p.72):

[...]não existe um critério comum para conceituar o que seja juventude. Cada autor dá ênfase a uma ou outra dimensão do que configura a sua realidade expressando uma maneira peculiar de entendê-la enquanto expressão real e categoria social. Pode-se dizer que a abordagem das questões juvenis e, conseqüentemente, os conceitos daí elaborados são construídos a partir de diferentes angulações, com significativos pontos de confluência e divergência.

Tal debate foi problematizado em um artigo de Meyer Fortes, publicado em 1984, “Age, Generation, and Social Structure”, apud DEBERT.

Fortes considera que o sistema de datação consiste em um mecanismo de atribuição de Status como a maioridade legal, entrada no mercado de trabalho e as demandas sociais (aposentadoria).

Tal conceito explicita dois processos aparentemente contraditórios, conforme Fortes, apud DEBERT (p.42).

Por um lado, o apagamento das idades como marcador importante das experiências vividas e, por outro lado e ao mesmo tempo, a transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo.

Fortes acrescenta que, ao se considerar o estágio de maturidade como rito de passagem, no caso da transmissão do status social como o poder e autoridade jurídica, as pessoas podem ser autorizadas a realizar atividades próprias a um determinado grupo de idade, sendo que a transição se dá de acordo com as decisões dos mais velhos. Ele complementa ao enfatizar a diferença entre idade cronológica e o princípio geracional, diz Forte apud DEBERT (p.49).

Enquanto as gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e juridicamente.

Na questão de geração faz-se necessário ir além da interpretação de Fortes que se restringe na questão familiar, pois segundo Kriegel apud DEBERT (p.52)

[...] Implica um conjunto de mudanças que impõe singularidades a determinadas gerações pelos seus costumes e comportamentos, a exemplo da geração do pós guerra, da televisão , de 68.

Mannheim apud Foracchi (1972, p.24) ao analisar a questão de gerações, diz:

[...] atribuir à juventude, em si mesma, não as suas ações, mas a sua simples existência, o constante rejuvenescimento da sociedade e, em última análise, a sua preservação. [...] Esta omissão, deliberada ou não, crítica ou ingênua, está na raiz do conflito de gerações. É como se uma geração, “cobrasse” à outra a fidelidade ao conjunto de problemas que a marcou como geração. [...] As barreiras de idade são irrelevantes nesse conflito que é de valores, de adesões prévias.

Tais conflitos de gerações se aprofundaram com o mal-estar moderno e pós-modernos, com o questionamento da beleza, da ordem e da limpeza moderna, concentrada na segurança, pela desregulamentação (dita pós-moderna), concentrada na liberdade.

### 1.3. MAL-ESTAR MODERNO E PÓS-MODERNO E AS JUVENTUDES

Ao pensar a modernidade verifica-se um sacrifício da liberdade individual em nome de uma segurança, um controle, de modo a enfatizar a razão sobre a emoção, com a valorização dos grandes sistemas explicativos, abstratos e universais. Defende-se a idéia de progresso linear e necessário.

Tal modelo, diz Freud (1930, p 57)

A civilização (leia-se a modernidade) “impõe grandes sacrifícios” à sexualidade e agressividade do homem. “O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências particulares da civilização ou contra uma civilização como um todo.”

Percebe-se, portanto, que diante do contexto de excesso de ordem, os mal-estares são “compulsão, “regulação”, “supressão” ou “renuncia forçada”. Para evitar esses mal-estares busca-se liberdade, desregulamentação, menos ordem.

A pós-modernidade a partir disso critica o controle exacerbado, defende o afeto sobre a razão e a invalidade dos grandes sistemas explicativos. A beleza, a pureza e a ordem devem ser buscados através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. Verifica-se que os mal-estares da pós-modernidade são oriundos da liberdade individual de procura do prazer que tolera uma segurança pequena demais.

É dentro deste contexto de mudança de paradigma que se encontra o desafio de compreender a juventude, não só a partir da faixa etária, mas como uma categoria social vinculada ao processo geracional, às relações de classe, gênero e etnia (GROPPO,2000; QUIROGA, 2001).

Ao ser definida enquanto categoria social, a juventude torna-se ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Conforme Groppo (2000, p. 8)

(...) a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

Diante disso, podem-se verificar, numa primeira análise, três termos utilizados para definir essa categoria social. Conforme Groppo (2000, p. 13)

- As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro.
- A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.
- A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto.

Em uma segunda análise Marialice Foracchi (1972, p.24), afirma que a crise da adolescência é restrita ao conflito de gerações entre indivíduos e grupos circunscritos de idades diferentes. Essa crise evolui, mais tarde, para uma crise da juventude, quando o conflito de gerações desloca-se para o plano da sociedade.

Groppo (2000, p 72), nos provoca mais ao defender que,

A juventude na sociedade capitalista industrial pode ser concebida como período de vigilância, disciplinarização e socialização entre sua infância e idade adulta. Entretanto, ao mesmo tempo, pode-se conceber a juventude como um direito humano reconhecido pela modernidade. Os direitos do homem são o discurso formal da justiça na sociedade moderna, discurso que torna teoricamente iguais todos os indivíduos, independente de sua origem social. (...) Desse modo, a juventude, suas respectivas atribuições e cuidados seriam um direito de todos os indivíduos que se encontram neste

período do desenvolvimento humano. Um direito que seria de todos, não importando a classe ou o estrato social

Portanto, ao olhar para a juventude como direito social, faz-se necessário respeitar a diversidade de suas manifestações. Daí a utilização do termo “juventudes” como um modo de valorizar as várias especificidades deste fenômeno, conforme Carmo (2001) ao citar os estudos realizados por Madeira (1999), defende que:

[...] os jovens, assim como toda a sociedade, estão marcados por diferenças de classes. Em outras palavras, não existe uma juventude, mas sim várias juventudes – o jovem operário, o jovem bóia-fria, o jovem da periferia etc. (Madeira, 1999 apud, CARMO 2001 P.60).

E Groppo (2000, p 13) confirma tal multiplicidade de juventudes ao afirmar que:

Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é “ser jovem”, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes.

Tais diferenças, muitas vezes não são compreendidas pela escola, que por não reconhecer essa pluralidade como algo próprio da juventude no contexto atual, acaba por cometer violências contra este jovem.



## **CAPÍTULO 2 – OS JOVENS DA ESCOLA CONSTRUINDO O FUTURO**

### **2.1. PERFIL DOS (AS) JOVENS**

Cariacica possui cerca de 349.811 habitantes segundo estimativa do IBGE/2004, sendo que a população jovem com idade entre 15 e 24 anos é superior a 67.870 jovens. Conforme estudo realizado em 2004 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP, Cariacica possui cerca 8.889 jovens entre 15 e 24 anos em situação de extremo risco social.

A população em geral e, especificamente os jovens enfrentam uma debilidade no acesso ao lazer e a cultura, pois o município apresenta carências em relação à existência de áreas de lazer e espaços culturais populares que possam proporcionar diversão, acesso à informação crítica e a manifestação de diferentes expressões culturais existentes no município.

A Escola Construindo o Futuro, por sua vez, esta localizada no bairro Vila Capixaba, atende em torno de 616 alunos, sendo 220 no turno matutino, 245 no turno vespertino e 151 no período noturno. Os alunos que foram sujeitos de nossa pesquisa fazem parte do Ensino semestral regular Noturno.

Nesta investigação adotou-se a abordagem qualitativa, portanto, a legitimidade das proposições inferidas não está, necessariamente, no número de casos ou respondentes, mas na maneira de lidar com o essencial na explicação de regularidades descobertas (FERNANDES, 1973). Diante disso, foram pesquisados três jovens na Escola Construindo o Futuro, Pedro, Maria e Ângela (nomes fictícios). A escolha destes jovens levou em consideração o interesse deles em participar da entrevista.

O acesso a Escola foi facilitada pela postura da Diretora que se colocou a disposição para intermediar o acesso aos alunos e fornecer os dados necessários do Colégio, conforme se pode verificar no ANEXO B que traz o projeto político pedagógico da Escola Construindo o Futuro. Destaca-se que a indicação da Diretora levou em consideração critérios de acessibilidade e interesse dos jovens em participar da pesquisa.

Facilitada por esta atitude acolhedora da Diretora, os alunos foram receptivos a pesquisa entendendo a mesma como uma oportunidade de colocar sua opinião sobre a realidade da escola.

Vale ressaltar que a Escola Construindo o Futuro é a única Escola de Ensino Fundamental do bairro Vila Capixaba e atende jovens em sua maioria oriundos dos bairros Vila Independência, Santa Cecília, e Vila Capixaba.

O primeiro bloco de questões do questionário que serviu como base para a entrevista semi-estruturada buscou verificar o perfil do (a) jovem, a partir de dados como, gosto musical, religião além de grupos de jovens que ele participa, entre outros.

Após a entrevista, observou-se que os jovens possuem em torno de 16 a 18 anos, verifica-se que os seus pais de uma maneira geral possuem baixa escolaridade, não tendo completado o ensino fundamental.

Entre os ritmos musicais de preferência podem ser citados o rock, o funk, música baiana além do hip hop. O Estado Civil destes jovens é solteiro, a religião predominante é a católica.

Verifica-se também que as últimas férias deles foram em suas casas, destaca-se que Maria morava na Bahia, onde passou suas últimas férias.

Ainda que Pedro, Maria e Ângela gostem de se divertir com os amigos em boates e nos bares do bairro, o interessante é a declaração de que não participam de grupo de jovens, revela-se, portanto que esses amigos de “bagunça” não são considerados grupos de jovens na opinião deles.

Pedro é um jovem de 18 anos, negro, roqueiro, que gosta bastante de se divertir com seus amigos da rua, do bairro Vila Capixaba (nome do bairro onde a escola se localiza). Ele está na 8ª série. Sua mãe estudou até a 6ª série. Já a escolaridade de seu pai ele não sabe.

É um jovem que curte praticar esportes fora do horário escolar como, por exemplo, Jiu Jitsu, basquete e vôlei. Entre os espaços que ele mais frequenta pra se divertir estão os bares, a casa de amigos e a danceteria. Suas últimas férias ele passou em casa.

Com relação à escola, Pedro afirma que o que mais gosta é a “bagunça”, o que mais o aborrece são os coordenadores e as agressões entre os colegas. E acrescenta que curte ficar nos corredores e no pátio.

Já Maria, é uma jovem baiana de 15 anos que mudou recentemente para o bairro Vila Capixaba. Esta na 6ª série. Diz que sua mãe estudou até a 6ª série e seu pai até a 4ª série.

Gosta mais de se divertir na praia. E curte muito dançar. Com relação à escola ela gosta mais dos professores, e se aborrece com os coordenadores. Como Pedro gosta de ficar no pátio e nos corredores.

Ângela, por sua vez, é uma jovem branca, de 17 anos, que esta na 8ª série, mora no bairro ao lado de Cariacica, passou as últimas férias em casa, gosta de funk e hip hop. Diz que sua mãe estudou até a 3ª ou 4ª série, e seu pai até a 5ª. Ao contrário de Pedro e Maria que disseram que os seus melhores amigos são da rua e

do bairro, Ângela afirma que prefere os da escola. Às vezes pratica o esporte da queimada, e diz que o local que mais frequenta para se divertir é a escola.

Com relação à escola, Ângela gosta mais das brincadeiras e aprecia ficar nos corredores, além de se aborrecer com os coordenadores.

## **2.2. SOCIABILIDADE DOS (AS) JOVENS**

Este segundo bloco de questões buscou verificar os costumes do (a) jovem no que tange ao modo de se divertir, tal como os locais mais frequentados para diversão.

Observou-se que os jovens preferem se divertir com os amigos. Maria destaca que quando morava na Bahia seus melhores amigos eram os da praia, mas quando mudou para Cariacica, os melhores amigos se tornaram os da Escola. Assim como Ângela, que também destaca os amigos da Escola.

Pedro, por sua vez, prefere os amigos do bairro e da rua. Destacando a casa de amigos, os bares e as danceterias como os lugares que preferir ir para se divertir. Entre os esportes praticados por Pedro, destaca-se o Jiu Jitso, o basquete e o vôlei. Maria prefere a dança, Ângela já gosta mais de queimada e prefere a Escola como um espaço de diversão.

O que se percebe nestes relatos é uma grande demanda dos jovens por atividades de lazer, e que na ausência destes espaços no bairro, a Escola aparece como uma alternativa. Entretanto, tal expectativa não é atendida pela instituição, que não possui quadra de esportes e não abre espaço para tais ações no pátio que possui.

### 2.3. A ESCOLA NO OLHAR DOS (AS) JOVENS

Neste terceiro bloco de questões buscou a opinião do (a) jovem sobre a escola, o que mais gosta, o que mais o (a) aborrece, se já presenciou violências, se já foi agredido (a), de modo a identificar as violências e colher sugestões de como diminuir a ocorrência delas na escola.

Os três jovens declararam que gostam de estudar, Maria disse gostar mais dos professores na escola, já Pedro prefere a bagunça, enquanto Ângela gosta das brincadeiras e dos coordenadores.

Como a escola não possui quadra de esportes os jovens preferem ficar nos corredores e no pátio. Apesar destes pontos positivos destacados pelos educandos com relação à Escola Construindo o Futuro, a violência simbólica da instituição se manifesta por meio dos seguintes relatos ditos por Pedro e Maria:

Pedro - Tenho medo de tirar nota baixa e ser reprovado,  
Maria e Pedro - Temo ser suspensa pela Diretora.

Como se verifica, o uso do método de punição via suspensão pela Diretora é comum e aceito pela comunidade escolar, entretanto o resultado de seu uso é medo dos jovens em relação à Diretora, o que reforça a imagem da escola como uma instituição que reprime o comportamento das juventudes.

Os jovens destacam que a avaliação quantitativa via notas obtidas por meio da avaliação escrita são uma prática da instituição, e que o uso de alternativas de avaliação que favorecem o desenvolvimento de outras habilidades não é algo adotado pela escola. Conforme já discutido por Bourdieu (1989) mais uma vez a Escola exerce seu poder simbólico, onde a linguagem e a expressão valorizada é apenas a escrita. É válido lembrar que outros tipos de violências entre os alunos, e entre os professores e alunos também são observados.

Entre os alunos a violência identificada é a física, e a sua causa, conforme relatado pelos jovens, na maioria das vezes, são por motivos fúteis como namorados (as), ou desentendimentos provocados por opiniões divergentes em relação a algum assunto.

Já na relação professor e aluno o que se percebe é uma violência simbólica, manifestada pelo desinteresse do professor em ensinar, e em ouvir as angústias e opiniões dos jovens. Mesmo quando Maria diz que gosta dos professores, ela reitera que tal relação não é satisfatória, devido à falta de atenção deles as suas opiniões em determinados momentos.

Vale ressaltar que a Escola evita o envolvimento de policiais para solucionar as agressões físicas entre os alunos, ao acreditar que se trata apenas de atos de indisciplinas que devem ser corrigidos com suspensões ou registro de ocorrências pelos coordenadores. Entretanto, as atitudes da Escola como resposta a estes conflitos são apenas reativas, não ousando desenvolver outras políticas pedagógicas que possam se aproximar da história de vida dos jovens.

Neste ponto é importante comentar que os jovens solicitam atividades culturais e esportes na escola, mas tal solicitação não é atendida, o que os deixam insatisfeitos com a postura da Escola Construindo o Futuro, que torna-se autoritária e espaço de violências, na medida em que não vê o sujeito jovem, não escuta o seu ponto de vista, e não se comunica com ele, conforme já discutido por Freire (1992).

## CAPITULO 3 - A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DA ESCOLA

### 3.1.COMPREENSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA

Ao estudar o Capítulo I do livro Poder Simbólico de Pierre Bourdieu, podem-se destacar alguns conceitos essenciais para a compreensão de seu pensamento.

Há o conceito de *habitus*, por exemplo, que corresponde a uma matriz, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.

O poder simbólico surge, portanto, como todo o poder que consegue atribuir significações e impô-las como legítimas, sendo que pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

É nesse contexto, que os sistemas simbólicos, Bourdieu (1989, p.11), enquanto..

instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento [...], cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

Vale ressaltar, entretanto, que, segundo Bourdieu (1989, p.14),

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força

(física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário.

Diante destes primeiros conceitos, é importante verificar como a violência simbólica se manifesta no ambiente escolar. Tal questão é abordada por Bourdieu e Passeron em *A Reprodução*, elementos para uma teoria do sistema de ensino.

Através do uso da noção de violência simbólica tenta-se desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como "natural" as representações ou as idéias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade.

Considera-se que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. Bourdieu afirma que toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural.

Num primeiro sentido, na medida em que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas estão na base do poder arbitrário, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural.

Num segundo sentido, na medida em que a delimitação objetivamente implicada no fato de impor e inculcar certas significações, convencionadas pela seleção e a exclusão que lhe é correlativa, como dignas de ser reproduzidas por uma Ação Pedagógica, reproduz a seleção arbitrária que um grupo ou uma classe, operando objetivamente em e por seu arbitrário cultural.



Já a Autoridade Pedagógica, poder de violência simbólica que se manifesta sob a forma de um direito de imposição legítima, reforça o poder arbitrário que a estabelece e que ela dissimula.

Sobre isso, Bourdieu (1975, p.39), afirma:

Uma instância pedagógica não dispõe da Autoridade pedagógica que lhe confere seu poder de legitimar o arbitrário cultural que ela inculca senão nos limites traçados por esse arbitrário cultural, isto é, na medida em que, tanto em seu modo de imposição (modo de imposição legítima) quanto na delimitação do que ela impõe, daqueles que estão baseados para impô-lo (educadores legítimos) e daqueles a quem ela o impõe (destinatários legítimos), ela re-produz os princípios fundamentais do arbitrário cultural. Isto é, um grupo ou uma classe produz aquilo que é digno de ser reproduzido, tanto por sua existência quanto pelo fato de delegar a uma instância a autoridade indispensável para o reproduzir.

Há de se ressaltar que a Ação Pedagógica implica o trabalho pedagógico como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *habitus*, como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da Ação Pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado.

Numa formação social determinada, Bourdieu (1975, p.51), diz que:

O trabalho pedagógico pelo qual se realiza a Ação Pedagógica dominante consegue tanto melhor impor a legitimidade da cultura dominante quanto está mais realizado, isto é, quanto consegue mais completamente impor o desconhecimento do arbitrário dominante como tal, não somente aos destinatários legítimos da Ação Pedagógica, mas aos membros dos grupos ou classes dominados (ideologia dominante da cultura legítima como única cultura autêntica, isto é, como cultura universal).

Constata-se, porém, a ingenuidade que há em colocar o problema da eficácia diferencial das diferentes instâncias da violência simbólica (por exemplo, família, escola, meios de comunicação modernos, etc), abstraindo o fato da irreversibilidade

dos processos de aprendizagem, que faz com que o *habitus* adquirido na família esteja no princípio da recepção e da assimilação da mensagem escolar.

Já no que tange ao sistema de ensino institucionalizado, percebe-se que este deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato que lhe é preciso produzir e reproduzir, tanto na sua própria função de inculcação quanto na reprodução de um arbitrário cultural (reprodução cultural) e na reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social).

Neste contexto, Bourdieu (1975, p.51), afirma que,

O sistema educativo tende a submeter à informação e a formação que ele inculca a um tratamento cujo princípio reside por sua vez nas exigências do trabalho educativo e nas tendências inerentes a um corpo de agentes colocados nessas condições institucionais, isto é, a codificar, homogeneizar e sistematizar a mensagem escolar (cultura escolar como cultura "rotinizada").

Outro ponto a se pensar sobre o sistema educativo é que este tende só a reproduzir com atraso, na medida de sua autonomia relativa, as transformações sobrevindas no arbitrário cultural que ele é convocado a reproduzir (atraso cultural da cultura escolar).

Não se pode, entretanto, cair na ilusão de que a violência simbólica exercida por um sistema educativo não mantém nenhuma relação com as relações de força entre os grupos ou classes, já que só pelo fato de que existe e subsiste como instituição, ele implica as condições institucionais do desconhecimento da violência simbólica que exerce. Pois os meios institucionais dos quais dispõe enquanto instituição relativamente autônoma, detentora do monopólio do exercício legítimo da violência simbólica está predisposta a servir também, sob a aparência da neutralidade, os grupos ou classes dos quais ele reproduz o arbitrário cultural.

Verifica-se, a partir dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu, em seus livros *O poder Simbólico* e *A Reprodução*, elementos para uma teoria do sistema de ensino, que se coloca em dúvida uma das idéias mais tenazes da ideologia republicana: a igualdade de oportunidades e a importância do sistema escolar para garantir igualdade social a todos.

É o próprio fundamento da sociedade meritocrática que se critica e o sistema de ensino considerado como a ponta de lança dessa ideologia.

A partir desses conceitos, identificou-se na entrevista realizada, o relato de algumas violências sofridas por jovens na escola.

A fala de Pedro abaixo, nos dá algumas dicas sobre a violência da Escola.

O meu maior medo é tirar nota baixa e ser reprovado [...] também tenho medo de ser suspenso, pois já sofri isso algumas vezes e isso não é legal...

A revelação de que ele mais teme tirar nota baixa e ser reprovado, aliado ao fato de que ele já foi suspenso várias vezes por ser um aluno que questiona as regras da escola, demonstra o quanto ele sofre com a violência simbólica.

Como dito anteriormente, o que se percebe no modelo escolar é uma imposição de conteúdos, que não considera a pluralidade dos jovens e de seus interesses.

Pedro também revela que:

Sim, eu já sofri violência física de meus colegas, [...] um jeito de resolver isso pode ser a contratação de professores que gostem de ensinar, outra coisa boa seria construir uma quadra na escola pra gente se divertir [...]

Vale enfatizar que Pedro entende violência como algo que não leva a nada, sem futuro e que violência gera violência.

Maria, por sua vez, diz: “Sim, eu tenho medos, o maior deles é que meus colegas não liguem pra mim, [...] violência? Sim, já sofri violência física de meus colegas.”

Maria também revelou que mudou recentemente da Bahia e teve dificuldade de se adaptar a realidade da escola Construindo o Futuro, visto que, lá na Bahia a Escola se localizava próxima à praia o que possibilitava atividades de lazer para a juventude.

Devido a esta dificuldade já foi punida pela Direção com suspensão. Ela diz que “violenta é aquela pessoa que comete violência contra a outra”. Diz que já viu brigas com facas e porradas entre colegas. Sugere que sejam punidos aqueles que brigam, além de se realizarem jogos e brincadeiras para integrar a galera.

Já Ângela, assim como Pedro, teme tirar nota baixa e ser reprovada, entretanto, afirma que nunca foi agredida na escola e nem sofreu punição.

Ângela entende que violência é bater e maltratar os outros e sugere que na Escola seja oferecido Ensino Médio para os jovens continuarem na escola.

Ao comparar os relatos dos jovens ao projeto político pedagógico do ANEXO B, verificam-se graves contradições. Vale destacar que este documento da Escola Construindo o Futuro está organizado em sete grandes partes, 1 - Princípios Gerais, 2- Introdução, 3- Textos para reflexão, 4- Justificativa, 5- Caracterização da Instituição, 6- Proposta de Organização Pedagógica e 7- Processo de Ensino e Aprendizagem. Destacaremos abaixo algumas destas contradições:

A primeira e a segunda parte afirmam que “o objetivo da estrutura educacional deve ser formar o cidadão crítico, reflexivo, capaz de criar, recriar e intervir na realidade em que vive”, entretanto alguns alunos como Pedro, que questionam as regras da escola, acabam suspensos por este motivo.

A terceira parte traz textos para discutir junto com a comunidade escolar, um intitulado pessoas do sim e pessoas do não, e outro trabalhar em equipe, o que surpreende é que objetivo dos textos é facilitar o ensino aprendizagem a partir da realidade dos jovens, mas ao verificar o seu conteúdo e a sua mensagem o que se percebe é uma distância do dia a dia dos jovens, dificultando o alcance deste objetivo.

A fala de Maria, que disse ter dificuldade de se adaptar a realidade da Escola Construindo o Futuro, deixa clara essa falha da escola de não se aproximar do cotidiano dos jovens.

Para concluir dois trechos do projeto presentes na sua sexta e sétima parte, respectivamente, merecem ser objeto de discussão:

[...] Adotar na prática cotidiana, atitudes de solidariedade e cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si próprio o mesmo respeito [...]

[...] Assim para o aluno realizar aprendizagens significativas que facilitem a sua interação com o mundo à sua realidade física e social, é necessário que o professor propicie uma intervenção pedagógica eficaz no processo de ensino, numa perspectiva de construção de conhecimento [...]

Pedro e Maria afirmaram que já viram atos violentos na Escola, Pedro, além disso, já sofreu agressão física de colegas e sugere que um dos caminhos para superar essas violências seria a contratação de professores com mais interesse em ensinar, o que surpreende visto que a competência básica do professor é o ato do ensino.

Fica a pergunta: como esperar que o aluno realize aprendizagens significativas que facilitem a sua interação com o mundo, se conforme relato de Pedro, os professores não têm interesse em ensinar?

Ressalva-se, entretanto, a necessidade de investigar os motivos deste desinteresse, a fim de não prejudicar estes jovens com aulas que não se relacionam com a sua realidade.

### **3.2. ESCOLA, ESPAÇO DE VIOLÊNCIAS DE GÊNERO?**

Quando se coloca o desafio de refletir de modo mais específico a violência sofrida por jovens no ambiente escolar, algumas reflexões merecem destaque:

Guacira (2001, p.4) traz a reflexão de que os gêneros são produzidos cultural e historicamente, e que é necessário superar o determinismo biológico, de modo a admitir que:

Os gêneros se “fazem”, sempre, com as marcas particulares de uma cultura, com os recursos e signos específicos de um tempo e de um lugar.

Tal condição nos faz perceber que o gênero e a sexualidade deslizam, e que há a necessidade de questionar a heteronormatividade, conforme Debbie Epstein e Richard Johnson (1988) apud Guacira (2001, p.4).

A agenda teórica moveu-se da análise das desigualdades e das relações de poder entre categorias sociais relativamente dadas ou fixas (homens e mulheres, gays e heterossexuais) para o questionamento das próprias categorias – sua fixidez, separação ou limites – e para ver o jogo do poder ao redor delas como menos binário e menos unidirecional”.

Diante disso, a escola, preocupada com o estabelecimento de um jovem modelo, de uma sexualidade “normal”, acaba por adotar a prática da vigilância da sexualidade, conforme Epstein e Johnson (1998, p.120) apud Guacira (2001, p.5).

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações

experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de “pânico moral”.

Adota-se o costume de que esta temática é um assunto de cunho privado e que tal discussão e manifestação no ambiente escolar deve ser controlada. Isto é, o corpo educado deve estar preparado para permanecer várias horas imóvel diante daqueles que detêm o saber. Aquele que possui a luz, o professor. O jovem, muitas vezes, devido a esta prática se encontra controlado, violentado, por não possuir espaço para discutir o gênero e vivenciar sua sexualidade. A escola possui o desafio de ampliar a sua compreensão sobre o gênero, assim como nos apresenta Rita Segato (1998), ao discutir os percursos do gênero na antropologia e para além dela.

Vale citar que entre as cinco etnografias localizadas, a primeira é o corpo, e a maneira como ele se inscreve na auto-percepção, conforme Segato (1998, p.16)

De fato, a autonomia propriamente dita, o nível biológico, constitucional, a natureza orgânica do macho e a fêmea da espécie deveria entrar nesta seqüência como o nível 0, porque é inatingível em si mesmo e jamais o tocamos, nem na própria ciência, em estado puro, livre do investimentos afetivos, valorativos e cognitivos que constituem a cultura. O nível 1, por sua parte, está representado já pelas categorias de “homem” e “mulher” aceitas e introjetadas pelo sujeito a partir da percepção que ele tem do seu próprio corpo.

Um segundo estrato que se pode denominar “gênero da personalidade”, como um modo de discriminar as várias formas de inserção do sujeito no mapa do gênero, conforme Segato (1998, p.17)

Fala-se aqui da feminilidade e masculinidade tal como se expressam nas atitudes e no temperamento da pessoa, mas também de sua disposição afetiva, da maneira e posição na que ela se insere face ao outro nas interações da sua vida afetiva.

Deve-se levar em conta também orientação sexual, que conforme Segato (1998, p.17)

(...) diz respeito ao objeto preferencial do investimento libidinal, advertindo, contudo, que as categorias de homossexualidade e heterossexualidade, servem só muito esquematicamente para dar conta das alternativas envolvidas nesta dimensão do gênero.

E por fim, levar em consideração a disposição sexual da pessoa e o seu papel social, conforme Segato (1998, p.17)

Devemos separar ainda a disposição sexual da pessoa, ou seja, o que diz respeito ao seu comportamento sexual propriamente dito, e à sua tendência a assumir papéis sexuais ativos ou passivos na sua interação sexual.

Finalmente, o âmbito mais reconhecido dos papéis sociais de gênero aos quais, durante muito tempo, as análises sociológicas e antropológicas reduziram a categoria de gênero. Esta é de fato, mais ampla, e inclui dimensões sociais, psíquicas e sexuais.

Apresenta-se, portanto, um grande desafio para a escola: Assumir-se enquanto um espaço de violências de gênero, contra a juventude que é múltipla, inclusive na vivencia da sexualidade, “cuja diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binária, mas em vez disso, supõe uma lógica mais complexa”.

### **3.3. JOVEM, POBRE E NEGRO (A), UMA CLASSE PERIGOSA PARA A ESCOLA?**

A sociedade diante da violência crescente parece ter escolhido um culpado, o jovem. A mídia em geral, exige providências contra esses delinqüentes, esses seres que não recebem educação adequada de suas famílias irresponsáveis, que não



aprendem a respeitar os idosos, que não aprendem o valor do trabalho, que ficam desocupados, vagabundeando, em vez de buscar empregos. Exige-se do Estado ações de prevenção contra esses (as) jovens violentos, ações de controle contra essa classe perigosa, jovem, pobre e negra. conforme diz LOBO, apud FRAGA (2003, p. 21)

No seio desta sociedade tão civilizada existem "verdadeiras variedades" (...) que não possuem nem a inteligência do dever, nem o sentimento da moralidade dos atos, e cujo espírito não é suscetível e ser esclarecido ou mesmo consolado por qualquer idéia de ordem religiosa. Qualquer uma dessas variedades foi designada sob o justo título de classes perigosas (...) constituindo para a sociedade um estado de perigo permanente (LOBO 1997)

O que poucas vezes se discute, entretanto, é a origem deste discurso, as razões históricas deste julgamento. Parece que se cria um mito da periculosidade, faz-se necessário, portanto, investigar os porquês.

Ao olhar para o caso do Brasil, verifica-se a presença de teorias racistas e eugênicas, alimentadas por práticas que defendiam o embranquecimento da população, para obter a "esterilização dos chamados degenerados como profilaxia para os males sociais".

Destaca-se também a presença do movimento higienista, conforme FRAGA (2003, p. 23)

Esta elite científica estava convencida de sua "missão patriótica" na construção de uma "nação moderna". Suas propostas pautavam-se por medidas que deveriam promover o "saneamento moral" do país. A "degradação moral" era especialmente associada à pobreza e percebida como uma epidemia que se deveria tentar evitar. Para erigir uma nação, os higienistas afirmavam que toda a sociedade deveria participar dessa "cruzada saneadora e "civilizatória" contra o mal que se alojava no seio da pobreza.

Vê-se a presença destas teorias nas leis do Estado com relação às crianças e adolescentes, com intuito de estabelecer um controle permanente, para evitar que viessem a compor as classes perigosas. O exemplo é o Primeiro Código de Menores, "aplicado não para designar menores de idade de quaisquer classes sociais, mas apenas para diferenciar um determinado segmento: o pobre". FRAGA (2003, p. 26) afirma que:

Sob égide do juiz, os menores não eram "julgados", mas "tutelados"; não eram "condenados", mas sim "protegidos", e não eram "presos" , mas "internados". Visando assegurar sua assistência e proteção , o juiz os encaminhava aos estabelecimentos (...) onde deveriam ficar internados pelo tempo por ele tempo determinado. A internação nestes estabelecimentos, mais que a educação e recuperação dos menores, privavam-os da liberdade, afastando-os do convívio das ruas, encaradas como espaço pernicioso (...) Outra preocupação que se fazia presente naquela época, e que se verifica até os dias de hoje, era a tendência de se oferecerem ofícios profissionalizantes em oficinas, que preparam para o trabalho, mas em funções socialmente desvalorizadas e de baixa remuneração (...)

Portanto, há uma relação histórica que une a periculosidade aos jovens pobres e negros. Diante disto é importante reconhecer as diversas formas de controle que foram elaboradas para ajustar o comportamento desses (as) jovens ao padrão estabelecido. Conforme FRAGA (2003, p. 27)

Se no capitalismo liberal os jovens pobres foram recolhidos em espaços fechados para serem disciplinados e normatizados na expectativa de que fossem transformados em cidadãos honestos, trabalhadores exemplares e bons pais de família, hoje no neoliberalismo eles são mais necessários ao mercado, tornaram-se supérfluos, suas vidas de nada valem – daí justificar-se o extermínio.

Quando estes (as) jovens escapam do extermínio, muitos deles acabam por buscar sobrevivência com a atuação em redes ilegais como: narcotráfico, seqüestros, crime organizado. Enfim, FRAGA (2003, p. 28), diz que:

Para esses “jovens” destinados de antemão a esse problema, fundidos com ele, o desastre é sem saída e sem limites (...) Marginais pela sua condição, geograficamente definidos antes mesmo de nascer, reprovados de imediato, eles são os “excluídos” por excelência (...) Por acaso eles não moram naqueles lugares concebidos para se transformar em guetos? Guetos de trabalhadores, antigamente. Dos sem-trabalho, dos sem-projeto, hoje (...) Que podem eles esperar do futuro? Como será a sua velhice, se chegarem até lá? (...) Bloqueados numa segregação (...) eles têm a indecência de não se integrar (Forrester, 1997, p.57-58).

Diante dessas reflexões, resta-nos uma questão importante, como a escola se posiciona? Reproduz esse conceito de classe perigosa ou assume a posição de respeito à diversidade?

Na entrevista realizada, verifica-se a presença deste olhar de classe perigosa, de classe que precisa ser controlada. Tal situação se revela no medo dos (as) jovens tirarem nota baixa e serem reprovado (as), e no ato de serem suspensos apenas por questionarem as regras estabelecidas.

Enfim, a Escola Construindo o Futuro reproduz este conceito de classe perigosa em vez de assumir uma posição de respeito à diversidade das juventudes.

### **3.4. ESCOLA, ESPAÇO DE VIOLÊNCIAS?**

Diante do exposto sobre a violência simbólica da escola e dos dados revelados pela pesquisa, pode-se entender que essa instituição serve a uma visão de mundo, um sistema de organização e desenvolvimento da sociedade. Portanto, em uma sociedade capitalista a educação em geral reduz-se a treinamento e preparação ao mercado de trabalho. Arruda (2003) afirma que “a educação é um dos fatores mais eficazes de desagregação, subordinação e alienação quando usada para manipular as pessoas a fim de ajustá-las ao sistema dominante. Mas

pode ser também um dos fatores mais poderosos de religação, de desalienação, de emancipação, através do despertar da consciência das pessoas para os fatores de subordinação e alienação, assim como os seus próprios potenciais enquanto indivíduo e coletividade”.

O mesmo autor diz que a educação assume este papel de emancipação quando entende o *homo* de modo integral, em todas as suas dimensões, física, vital, mental, psíquica e espiritual. A educação gera alienação individual e coletiva quando compreende este *homo* de modo fragmentado somente a partir de suas dimensões vital e física, o que leva a ver o jovem estudante como um ser que vive apenas de acordo com seus instintos, impulsos e desejos.

Arruda (2003) afirma que Marx nos indica um caminho para evitar este equívoco: entender que o *homo* não apenas tem relações, mas, sobretudo é relação, consigo mesmo, com a natureza, com a sociedade contemporânea, com a humanidade enquanto espécie, e com cada outra pessoa. Por isso, faz-se necessário à valorização do pessoal, consciente e reflexivo como princípio do coletivo, a fim de evitar o coletivismo redutor da pessoa humana.

A partir disso, Arruda (2003) propõe a educação da práxis, que seja omnilateral, “que compreenda todos os aspectos da vida do educando, desde os relacionados à sua pessoa até os que o situam nos contextos sociais e históricos mais abrangentes”, – e omnidimensional – isto é, “que abranja todas as dimensões e todos os potenciais do seu ser, desde o corpo e seus sentidos até a mente e a psique com seus múltiplos atributos.”

Ou seja, uma educação que compreenda o contexto vivido pelo jovem estudante, um jovem que não segue um padrão de comportamento, que vive diversas situações cotidianas, que possui interesses muitas vezes opostos aos da Escola, que é marcado pelas relações de classe, gênero, etnia e orientação sexual,

e que sofre, por não se reconhecer na prática educativa adotada, quando esta instituição não o valoriza enquanto sujeito consciente e reflexivo.

Demo (2005), por sua vez, destaca a importância da pesquisa para a educação, e apresenta uma proposta a partir de quatro pressupostos: ele diz que a pesquisa é o que diferencia a educação escolar dos outros espaços educativos que o jovem se insere como a família, o grupo de jovens, o ambiente de trabalho etc.

Afirma também a necessidade do questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política. De modo a possibilitar ao sujeito a elaboração de seu projeto de vida, a partir de sua própria reflexão, em contraposição à cópia, à simples imitação. Com o compromisso de não reduzir a educação a simples mobilização ideológica (qualidade política) ou somente conhecimento (qualidade formal), mas valorizar ambas as dimensões.

Com isso, o professor precisa cultivar a pesquisa como uma atitude cotidiana, a partir da leitura crítica da realidade e produção própria de conhecimento. A fim de que busque ler criticamente a sua realidade e produzir aulas de acordo com os interesses dos jovens estudantes.

O quarto pressuposto entende a educação como a formação da competência humana histórica, o que possibilita ao sujeito consciente e organizado, em primeiro lugar, história própria e solidária. E, em segundo lugar o manejo adequado da instrumentação econômica.

Portanto, pode-se entender a Escola como um espaço de violências quando esta não considera o jovem aprendiz enquanto sujeito integral de múltiplas dimensões, um ser que não é fragmentado e atômico, um ser masculino e feminino, como diz Arruda (2003) “desafiado a integrar essas duas dimensões diversas do seu ser, e a integrar-se complementarmente com o gênero oposto, um ser autopoiético por excelência, que se faz não automática, mas conscientemente”, enfim um ser que

é pessoal e social, singular e plural, cotidiano e histórico que precisa ser valorizado enquanto sujeito de direitos, consciente e reflexivo.

Tal postura da instituição escolar, que não considera o jovem, ignora, conforme Freire (1992), um importante instrumental na vida do ensinar do educador que é o ver (observação), o escutar e o falar, o que nos deixa uma pista para responder: uma escola que não vê o jovem estudante, não escuta o seu ponto de vista e não se comunica com ele torna-se autoritária e espaço de violências.

## CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Diante das questões levantadas durante o trabalho relativas ao perfil do (a) jovem, sociabilidade e violências sofridas na escola, verifica-se que um dos grandes desafios da escola continua sendo trabalhar com a diversidade das juventudes de modo a reconhecê-la como sujeitos de direitos.

**O objetivo principal da pesquisa de estudar as violências sofridas por jovens de uma Escola de Cariacica foi alcançado**, na medida em que os(as) jovens afirmaram sofrer violências físicas dos colegas, além de temerem tirar nota baixa ou reprovar. Acrescenta-se o fato de que foi revelado que a Escola Construindo o Futuro tende a utilizar da suspensão para reprimir os(as) jovens que não concordam com as regras de comportamento estabelecidas.

Portanto, no que se refere ao objetivo específico, **identificar quais os tipos de violências sofridos pelos jovens de uma Escola de Cariacica**, vale afirmar que se verificaram violências físicas entre estudantes, aliadas a prática de violência simbólica da escola.

Já no que se refere ao objetivo específico de **verificar quais as sugestões destes jovens para a diminuição dessas violências no ambiente escolar**, destaca-se a preocupação com o interesse dos professores com o ato de educar. O entrevistado Pedro expôs com nitidez esta questão, ao afirmar que uma das ações que deve ser feita pela escola para diminuir as violências é a contratação de professor que queira ensinar. Verificam-se, a partir dos dados da pesquisa, que os jovens da Escola Construindo O Futuro estão sujeitos a violências tanto de caráter físico e simbólico. Sugere-se, a partir destas conclusões, que se busque investigar em outras pesquisas como a Escola lida com a questão racial e como se dá a violência neste aspecto.

Entretanto, mais do que estudar as violências nas escolas, é preciso superar preconceitos com relação aos sujeitos envolvidos no processo, o (a) jovem, muitas vezes é visto como irresponsável, classe perigosa que precisa ser controlada.

Portanto, um grande desafio é compreender a importância de ouvir o (a) jovem, que na maioria das vezes, tende a ser a principal vítima da violência escolar, a fim de que se supere a visão de jovem problema e o(a) entenda como sujeito social de direitos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Unesco: 2004.

ARAÚJO, Carla. **Violência na escola e construção de identidades de jovens da periferia**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v.8 n.43, jan/fev 2002.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Tradução André Duarte. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

ARRUDA, Marcos. **Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre - **O Poder Simbólico**, Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre – **Reprodução, Elementos para uma teoria do sistema de ensino**, Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1975.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e Indisciplina nas Práticas Escolares de Adoloscetes: Um Estudo das Realidades de Duas Escolas Semelhantes e Diferentes Entre Si**. São Paulo: 2000. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da USP.

CAMACHO, Thimoteo (organizador). **Ensaio sobre Violência**. Vitória: Edufes, 2003.

CARMO, P.S. **Juventude no singular e no plural**. In: Cadernos Adeunaer II, nº 6 – As caras da juventude, p.9-30. São Paulo. Fundação Konrad Adenauer, 2001.

CHAUI, Marilena. **Ética e Violência**. Teoria & Debate. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n 39, p.32-41, out/nov/dez. de 1998.

COSTA, Deane Monteiro Vieira. **Escola e Juventude: Encontros e Desencontros**. Vitória: 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL – **O jovem com sujeito Social** Rev. Bras. Educ. no.24 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2003

DEBERT, GUITA GRIN. **A reinvenção da velhice**. EDUSP.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERNANDES, F. (1973). **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp.

FORACCHI, MARIALICE M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRAGA, P.C. Pontes. JULIANELLI (orgs.). **Jovem em tempo real**. RJ: DP&A. Ed. 2003.

FREIRE, Madalena. **Paixão de Aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FREUD, S. **Mal estar na civilização. Obras Completas**. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

GROPPO, Luiz Antônio. **Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro, RJ. Difel, 2000.

GUACIRA. **Corpos que escapam**. Labrys, Estudos feministas número 4, agosto/ dezembro 2003

LÍRIO, Flavio Corsini. **As violências praticadas e sofridas por jovens na escola.** Vitória: 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

LOPEZ, Tereza Ancona. **Comentários ao Código Civil.** Saraiva. 2004

QUIROGA, C. **Trabalho e identidade juvenil: reconhecimento de trajetórias de jovens pobres.** Tese de doutorado. Belo Horizonte, 2001.

SEGATO. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela.** Brasília: UnB.Série Antropologia 236. 1998.

## ANEXOS

### A – ROTEIRO DE ENTREVISTA - JOVEM

#### Questionário

Parte A: Perfil do(a) jovem.

Nome da escola

Data da aplicação

1. Série que cursa
2. Idade
3. Sexo ( ) Feminino ( ) Masculino
4. Você mora em qual bairro?
5. Você possui alguma religião?
6. Onde você passou as últimas férias?
7. Que tipo de música você mais gosta?
8. Participa de algum grupo de jovens?
9. Possui filhos?
10. Estado civil?
11. Sua mãe estudou até que série?
12. Seu pai estudou até que série?

Parte B: Sociabilidade

1. Você gosta mais de se divertir  
( ) Sozinho (a)  
( ) Com amigos  
( ) Só com o (a) namorado (a)  
( ) Com parentes  
( ) Outros. Quem?
2. De onde são seus melhores amigos?  
( ) Da escola  
( ) Da rua ou do bairro  
( ) Do clube

- Da praia
- De outros lugares. Qual?

3. Pratica esportes fora da escola?

- Sim. Quais?
- Não

4. Qual é o local que você mais frequenta para se divertir?

- A escola
- A sala de aula
- A rua do seu bairro
- A casa de amigos
- O Shopping Center
- Os bares
- A praia
- O clube
- As danceterias
- Outros lugares. Quais?

Parte C: A escola no olhar do (a) jovem.

1. Você gosta de estudar?

- Sim
- Não

2. Do que você mais gosta na escola?

- Das aulas
- Dos professores
- Das brincadeiras
- Dos colegas
- Da diretora
- Dos orientadores
- Dos coordenadores
- Dos esportes
- Das conversas
- Da bagunça
- Outros. Quais?

3. O que mais o (a) aborrece na escola?

- As aulas
- Os professores
- As brincadeiras
- Os colegas
- A diretora
- Os orientadores
- Os coordenadores
- Os esportes
- As conversas na sala de aula
- A bagunça
- As agressões
- Outros. O quê?

4. Qual o espaço da escola em que você mais aprecia ficar?
- Sala de aula
  - Corredores
  - Pátio
  - Os arredores da escola. Que local exatamente?
  - Outros. Quais?
5. O que você mais teme na escola?
- Tirar nota baixa e ser reprovado
  - Ser repreendido ou punido pelos adultos da escola
  - Ser agredido fisicamente por colegas
  - Ser agredido verbalmente por colegas
  - Ser desprezado ou ignorado pelos colegas
  - Ser agredido pelos adultos da escola
6. Você já foi agredido na escola?
- Por colegas
  - Por professores
  - Pela diretora
  - Pela pedagoga
  - Pelo orientador educacional
  - Pela coordenadora
  - Por outra pessoa. Quem?
7. Caso tenha sido agredido, a agressão foi
- Verbal
  - Física
8. Você já foi punido na escola?
- Sim. Foi punido por quem?  
Qual foi a punição?
  - Não
9. O que você entende por violência?
10. Relate casos de violência ocorridos na sua escola?
11. Sugira o que deve ser feito pela escola para se tornar um lugar menos violento para você e seus colegas?

**ANEXO B – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**PROJETO POLÍTICO  
PEDAGÓGICO**

“O principal objetivo da Educação é formar homens capazes de fazer coisas novas não simplesmente de repetir o que outras gerações fizeram. Homens criativos, inventivos e criadores.”

Jean Piaget

**EMEF – “CONSTRUINDO O FUTURO”**

**CARIACICA - MAIO DE 2007.**

# 1- PRINCÍPIOS GERAIS

Em consonância com as diretrizes estabelecidas na Lei Federal nº 9.394/96, A Prefeitura Municipal de Cariacica instituiu o Sistema Municipal de Educação através da Lei nº4373/2006 de 11/02/2006 e da lei nº 4.470/07 de 03/02/07 que estrutura o conselho,órgãos norteiam as ações para a educação, em especial para a educação no Ensino Fundamental Regular , noturno e EJA.

A educação do Ensino Fundamental , etapa intermediária da educação básica , tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança dos 06 aos 14 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social , complementando a ação da família e da comunidade.

1. Destaca-se ainda a existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais – MEC que é documento norteador utilizado enquanto instrumento que pode enriquecer e favorecer a estruturação do Projeto Pedagógico desta Unidade Escolar de Ensino , bem como , contribuir para o processo de formação de professores.
2. O ensino fundamental tem ,por finalidade, desenvolver o educando em sua integridade, assegurando-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e os meios necessários à sua progressão no trabalho e em estudos posteriores.
3. Calendário escolar definido pela Escola, assegurando duzentos dias de efetivo trabalho escolar e carga horária mínima de 800 horas e submetidos à aprovação da SEME.
4. A freqüência no Ensino Fundamental é obrigatória e o controle feito pela escola, conforme seu regimento , sendo exigido um mínimo de 75% do total de horas letivas ministradas.
5. A avaliação, regida conforme dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e da Lei Municipal nº4.373/2006 , que cria o Sistema Municipal de Educação de Cariacica.
6. A avaliação incidirá sobre:
  - a) rendimento escolar do aluno;
  - b) desempenho dos professores , do pessoal técnico e administrativo;
  - c) produtividade escolar , no âmbito institucional.
7. Fazer verificação do teor e abrangência da lei nº 4.470/2007 do dia 03/02/2007 que estrutura o Conselho Municipal de Educação de Cariacica

## 2- INTRODUÇÃO

O Projeto Político – Pedagógico exige dos educadores, funcionários, alunos e pais a definição clara de como está organizada a sociedade, suas determinações



e contradições; que tipo de escola se almeja; que tipo de cidadão se pretende formar; concepção e fins da educação.

Fruto da construção coletiva é um processo social. Concentra múltiplas forças políticas que estão em constante movimento, gerando convergências e confrontos, contradições, avanços e recuos. Como consequência, a realidade social é compreendida e analisada de diferentes formas.

Na prática pedagógica, sugerida pela LDB nº 9.394/96, incluímos propostas, projetos, intenções, buscas, efetivados na realização de um trabalho consciente, voltado para o novo tempo que se nos apresenta com sua rápida transformação.

É um momento inovador que exige mudanças significativas no processo ensino/aprendizagem, a partir da ação desenvolvida pelo educador, nunca desvinculada da realidade. Esta retrata uma sociedade capitalista que tem como objetivo a acumulação de bens visando ao lucro. Nela prevalecem a ambição, a competição desleal, o individualismo e a falta de ética, influenciando diretamente a formação da pessoa humana e, conseqüentemente, o desenvolvimento do seu processo pedagógico e cultural.

Tendo em vista todas essas questões, desejamos, como educadores, promover atividades buscando a valorização da pessoa humana, principalmente em nossa comunidade. Para isto, serão necessários vários momentos, neste roteiro de trabalho.

Um desses momentos, considerado muito importante foi destinado a reflexões, através de textos retratando o pensar e o fazer humanos. A seguir transcrevemos alguns:

### 3- TEXTO PARA REFLEXÃO

“Pessoas do Sim” e “Pessoas do Não”

Pessoas do “sim” são aquelas que para tudo é possível desde que tentando com firmeza.

Pessoas do “sim” são aquelas que acreditam, em princípios, que todas as pessoas são boas e capazes até que seja provado o contrário. Pessoas do “sim” são aqueles funcionários que estão sempre prontos a colaborar, a testar idéias, a comprometer seu tempo com um novo projeto, e tudo fazer para que as coisas aconteçam. Pessoas do “sim” são as pessoas entusiasmadas com o que fazem, e com a possibilidade de fazer coisas de forma diferente. Pessoas do “sim” são as bem humoradas, as com sorriso pronto, aquelas com as quais temos prazer de conviver, conversar, trocar idéias. Pessoas do “sim” são aquelas que fazem tudo e ainda encontram tempo para colaborar, participar, ajudar.

Mas há pessoas do “Não”

As pessoas do “não” são aquelas para quem nada é possível. Aquelas que vivem dizendo que “ já viram esse filme antes...” é tudo “papo furado”. Pessoas do “Não “ são aquelas azedas, amargas que vivem com uma nuvem negra sobre as suas cabeças. Pessoas do “ Não” são aquelas que não têm tempo pra nada, são ocupadíssimas (! ? ) e nada fazem. Pessoas do “Não são aquelas isoladas e dizem que vivem cumprindo o seu dever, que é sempre criticar , não participar , não cobrar, não fazer.

Pessoas do “não” são aquelas com as quais temos horror em trabalhar.

Cuidado! O mundo de hoje só tem lugar para as pessoas do “sim”.

Luiz Almeida Martins Filho

## TRABALHAR EM EQUIPE

Trabalhar em equipe.

O total é maior que a soma das parcelas.

Trabalhar em equipe jamais poderá ser uma lei.

Somente poderá ser uma idéia. Jamais poderá ser um código de regras.

Poderá ser apenas um modo de olhar o mundo.

Nós podemos dizer. “ Isto é meu,” e nos sentimos bem, e podemos dizer “isto é nosso” e nos sentimos melhor ainda.

Podemos pensar: “Eu faço minha parte, e nos damos por satisfeitos”.

Ou podemos perguntar. “ Eu posso fazer mais? E alcançamos a prosperidade.

Podemos trabalhar ao lado dos demais e apenas “funcionar”,

Ou podemos trabalhar COM os demais e então crescer.

E vamos crescer!

A história do mundo deixa bem claro que a combinação de todos os esforços foi o nosso único meio de progresso.

E o homem se sente orgulhoso de sua força. Orgulhoso não só de suas conquistas , mas de ter alcançado tudo com seu próprio trabalho e sua percepção.

Esta é a chave

Porque depois que tudo é dito e realizado , o trabalho em equipe

Não só faz florescer o melhor de todos , mas consegue extrair o melhor que existe em cada um.

Trabalhar em equipe funciona!

Autor: Desconhecido

## 4- JUSTIFICATIVA

O endeusamento do mercado, baseado na competição , pressupõe como natural que haja no Brasil 30 milhões de excluídos e que a terra , os recursos financeiros e da informação continuem inacessíveis a essa camada social; que

apenas uma minoria tenha acesso aos bens de consumo que a tecnologia produz. Não é este o nosso entendimento. Sabemos que a riqueza, a cultura e a informação são frutos da ação humana, resultados de seu trabalho, portanto não é justo que seja apropriadas por alguns em detrimento de outros. Não temos porque ser contra a globalização, mas que esta seja plena e com e com solidariedade.

Na atualidade, além de romper as barreiras econômicas entre países e mercado é preciso criar mecanismos para que os benefícios da globalização e da tecnologia se tornem acessíveis à maioria da população, através da democratização das oportunidades.

Portanto, na escola, se faz necessário tornar acessível aos alunos os recursos modernos resultantes do desenvolvimento dos diversos campos da ciência, que facilitam a utilização, o acesso e a socialização da informação, da cultura e do conhecimento.

Refletindo sobre o contexto social, econômico e político que permeia a sociedade hoje, necessário se faz repensar a ação pedagógica desenvolvida na Escola e o “que” sinalizar em prol de uma estrutura educacional que deve ter como objetivo formar o cidadão crítico, reflexivo, capaz de criar, recriar e intervir na realidade em que vive.

Afirma-se que a “autonomia da escola” só é atingida quando se entende o significado de sua proposta pedagógica como fruto da ação de todos os envolvidos na dinâmica do processo ensino-aprendizagem.

A construção do Projeto Político Pedagógico da EMEF “CONSTRUINDO O FUTURO”, traduz-se como resultado da auto-reflexão de todos os participantes do trabalho educativo, sendo representativo de um ato político coletivo.

Numa visão de que a escola é, por princípio, uma proposta pedagógica, derivou daí a necessidade de claro entendimento, mediante estudos, análise e ampla discussão sobre os aspectos julgados de suma importância, tais como:

- Que identidade tem nossa escola?
- A quem atende?
- Em que contexto está inserida?

A proposta pedagógica sedimentada no presente Projeto tem por finalidade sistematizar a nossa caminhada educativa, visualizando um horizonte de possibilidades, sem que se desconsidere o nosso cenário político-econômico e social, em função do qual emergem outras questões como:

- Que tipo de educação queremos para os nossos alunos?
- Que tipo de cidadão queremos formar?

As linhas mestras, objetivos e metas que sustentem o presente Projeto Político Pedagógico, em sua forma global, refletem uma organização coletiva resultante do entendimento compartilhado entre os diversos profissionais da escola – Diretor(a),

Pedagogos, coordenadores , professores , Alunos e demais participantes da comunidade escolar, respaldando a proposta pedagógica , o diálogo, o estudo, a discussão, a exposição de idéias , de experiências, de práticas relativas ao processo ensino- aprendizagem e ao fazer pedagógico como um todo.

Tal procedimento (participação de todos) teve como espaço a busca de entendimento sobre: a legislação vigente e demais reformulações pertinentes à educação, o que é o conhecimento, aprendizagem, currículo, qualidade de ensino, competência técnica, compromisso político e outros; todos entendidos como pressupostos e instrumentais teórico- metodológicos de um Projeto Político Pedagógico. Pressupostos estes que se revelam como pontos de partida para um constante repensar e recriar e, como tal, serão sempre renovados, ampliados, retratando permanente busca de significados novos para a existência da escola.

## 5- CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

EMEF - “CONSTRUINDO O FUTURO”

Endereço: Cariacica – ES.

### 1. SÉRIES ATENDIDAS:

- Matutino: 1ª a 4ª Séries
- Vespertino: 1ª a 4ª Séries
- Noturno: 5ª a 8ª Séries – Ensino semestral regular Noturno.  
EJA : 1ª a 4ª Séries – Educação de Jovens e Adultos.

### 2. NÚMERO DE ALUNOS POR TURNO:

Matrícula Inicial (2007.)

- Matutino : 220
  - Vespertino : 245
  - Noturno: 151
- Total: 616

### 3. EQUIPE TÉCNICA:

1 Diretora(a) :

2 Pedagogos (as):

3 Coordenadores (as):

3 Secretários (as):

## CARATERIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

DEPENDÊNCIAS (SALAS DE AULAS E OUTROS ESPAÇOS)	AREA (POR DEPENDÊNCIA)	CAPACIDADE DE ALUNOS POR SALA	INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES
Sala de aula 1	46.45	35	Térreo
Sala de aula 2	46.45	35	Térreo
Sala de aula 3	46.45	35	2º Piso
Sala de aula 4	46.45	35	2º Piso
Sala de aula 5	47.79	35	2º Piso
Sala de aula 6	46.80	35	2º Piso
Sala de aula 7	28.86	25	2º Piso
Sala de Aula 8	37.20	25	2º Piso
Dispensa	10.20	-	Térreo
Sala pedagogos	19.20	-	Térreo
Biblioteca	37.20	-	Térreo
Sala Professores	19.20	-	Térreo
Secretaria	15.00	-	Térreo
Sala Direção	7.60	-	Térreo
Almoxarifado	10.20	-	2º Piso
Sala Informática	16.85	-	2º Piso
Quadra Coberta		-	Térreo
W.C. Masculino	24.00	-	Térreo
W.C. Feminino	10.35	-	Térreo
W.C. Funcionários	3.40	-	Térreo
Sala Instrumentos Banda	10.20	-	2º Piso
Cozinha	19.20	-	Térreo
W.C. Funcionários	6.60		2º Piso

## 6- PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

### OBJETIVO GERAL

Sistematizar as linhas de ação de caráter administrativo e pedagógico que nortearão o trabalho educativo da EMEF – “ CONSTRUINDO O FUTURO” , fundamentada num fazer pedagógico coletivo, coerente e integrado, tendo como alvo a formação do educando, num processo sustentado pela qualidade do ensino.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver uma linha metodológica unificada para todas as séries e turnos.
- Criar condições de aprendizagem significativas para o desenvolvimento de capacidade de ler, escrever e calcular.
- Privilegiar e estimular o desenvolvimento do raciocínio, da capacidade de análise de julgamento e de reflexão, enfim de todas as habilidades mentais necessárias à formação do cidadão crítico e atuante.
- Aprofundar os conceitos de interdisciplinaridade e transversalidade, com vista a sua aplicação no cotidiano escolar, e desenvolvimento de uma ação pedagógica constante.
- Oportunizar o aprimoramento profissional do pessoal técnico, docente e de apoio, visando a melhoria do desempenho na ação de ensinar.
- Atentar para os conceitos básicos indispensáveis à formação de todos e quaisquer alunos, independente do seu nível sócio – econômico, ciclo – religioso ou político e raça, permitindo a sua adequação às condições da realidade local do aluno.
- Zelar pelo patrimônio histórico e cultural da escola e os bens nela existentes.
- Valorizar os recursos naturais e culturais próximos aos alunos e a escola.
- Revigorar as relações interpessoais dentro da escola, da escola com a comunidade e vice – versa.
- Adotar na prática cotidiana, atitudes de solidariedade e cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si próprio o mesmo respeito.

### METAS

- A escola objetiva chegar, ao final do ano com um índice de aprovação superior a 90% das matrículas efetivas.
- Melhorar os níveis de leitura, através da execução e avaliação de projetos específicos de leitura e interpretação de textos.
- Promover reuniões significativas, objetivando a participação de pelo menos 80% dos pais.
- Assegurar a permanência do aluno na escola, evitando sua evasão ou desistência.
- Oportunizar aos alunos portadores de necessidades especiais um atendimento prioritário.

## ESTRATÉGIAS DE AÇÃO

De acordo com a LDB art. 32 o objetivo do ensino fundamental é:

Propiciar a todos formação básica para cidadania, criando condições de aprendizagem para:

- O desenvolvimento da capacidade de aprender tendo como meios básicos, o pleno domínio da leitura da escrita e do cálculo.
- A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.
- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimento e habilidades e a formação de atitudes e valores.
- O fortalecimento dos vínculos da família , dos laços de solidariedade humana e a tolerância recíproca e que se assenta a vida social.

Neste sentido, é necessário que a escola crie condições para o desenvolvimento das capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva de relação interpessoal e inserção social, ética e estética , e tenha uma visão clara do cidadão que é preciso formar para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

- Desenvolver um processo de interação pedagógica, re(significando a unidade entre aprendizagem e ensino).
- Criar condições de participação mais efetiva dos pais e comunidade, através de eventos sociais e cívicos, palestras, reuniões e amigos da escola.
- Promover eventos educativos como: Feiras educativas ou de ciências numa ação globalizadora e compartilhada, com exposição dos trabalhos realizados pelos alunos.
- Garantir a eficiência e eficácia da globalização do ensino, visando ao desenvolvimento integral do aluno, nos aspectos emocionais, cognitivos e sociais, através de atividades interrelacionadas e contextualizadas, e que os temas sejam tratados interdisciplinarmente, através de projetos, temas geradores e unidade de ensino.
- Garantir domínio de conhecimento significativos , pertinentes à idade/ série – visando a preparação para o exercício da cidadania.
- Providenciar o uso do laboratório de informática para todos os alunos e com internet , para pesquisa.
- Elaborar projetos / atividades de cunho pedagógico com envolvimento coletivo da escola e com a participação da comunidade.
- Incentivar a utilização de diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.
- Buscar novas alternativas para superação de repetência e evasão.
- Garantir a seqüência lógica de um avanço ou série.

## 7- PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Como ensinar, avaliar e como a equipe técnica contribuirá no acompanhamento

A metodologia aplicada assume papel importante e fundamental no processo ensino – aprendizagem, desde que entendida como uma estratégia geral da abordagem educativa.

A escola deve ser um local de criação de frentes de transformação e entendida como espaço vivo e democrático que pode garantir a todos o acesso e permanência a um ensino de qualidade e participação de toda a comunidade.

Quando realizamos uma tarefa, seja de aprendizagem ou de qualquer outro tipo, ela precisa ter sentido para nós, precisa parecer atraente, interessante e nós devemos visualizar que ela também preencha uma necessidade que será o motor de nossa ação. Essa concepção coloca o educando como o centro do processo educativo, visto que será o sujeito das transformações que se deseja realizar.

Assim para o aluno realizar aprendizagens significativas que facilitem a sua interação com o mundo à sua realidade física e social, é necessário que o professor propicie uma intervenção pedagógica eficaz no processo de ensino, numa perspectiva de construção de conhecimento.

É necessário, porém que se trace objetivos claros e que respeitem o conhecimento, enquanto transformador da realidade.

Para tanto, os conteúdos devem envolver temas reais, os saberes e cultura dos alunos, bem como suas experiências, buscando uma totalidade nos conteúdos, a partir dos bens culturais historicamente acumulados.

Neste contexto, é fundamental redirecionar a ação pedagógica, delineando procedimentos de avaliação capazes de informar os processos de aprendizagens que ocorrem na trajetória da escolaridade do aluno, tendo em vista a concepção de que a avaliação é processual, dinâmica, participativa e problematizada.

O educador precisa questionar e se inquietar diante da realidade sem contudo ignorar os avanços científicos e tecnológicos que ocorrem nas áreas do saber, procurando junto à equipe técnica subsídios teóricos para desenvolver sua prática, refletindo, discutindo e questionando o fenômeno educativo e suas implicações ( o currículo, os objetivos, a metodologia e a avaliação) para se produzir novos conhecimentos e tentar alternativas para a solução de problemas relacionados à aprendizagem, pois o ensino precisa ser permanentemente aperfeiçoado.



## ANEXO C – TABELAS

Tabela 1  
Perfil do jovem

ALUNOS	PEDRO	MARIA	ANGELA
1. Série que cursa	8 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>	8 <sup>a</sup>
2. Idade	18	16	17
3. Sexo	Masculino	Feminino	Feminino
4. Você mora em qual bairro?	Vila Capixava	Vila Capixaba	Santa Cecília
5. Você possui alguma religião?	Católico	Não	Católica não praticante
6. Onde você passou as últimas férias?	Casa	Bahia	Casa
7. Que tipo de música você mais gosta?	Rock	Baiana	Funk. Hip hop
8. Participa de algum grupo de jovens?	Amigos da rua	Não	Não
9. Possui filhos?	Não	Não	Não
10. Estado civil?	Solteiro	Solteira	Solteira
11. Sua mãe estudou até que série?	6 <sup>a</sup>	6 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup> ou 4 <sup>a</sup>
12. Seu pai estudou até que série?	Não sabe	4 <sup>a</sup>	5 <sup>a</sup>

Tabela 2  
Sociabilidade

ALUNOS	PEDRO	MARIA	ANGELA
1. Você gosta mais de se divertir			
Sozinho (a)	( )	( )	( )
Com amigos	( x )	( x )	( x )
Só com o (a) namorado (a)	( )	( )	( )
Com parentes	( )	( )	( )
Outros. Quem?	( )	( )	( )
2. De onde são seus melhores amigos?			
Da escola	( )	( )	( x )
Da rua ou do bairro	( x )	( )	( )
Do clube	( )	( )	( )
Da praia	( )	( x )	( )
De outros lugares. Qual?	( )	( )	( )
3. Pratica esportes fora da escola?			
Sim. Quais?	( x ) Jiu Jitso, Basquete e Volei	( x ) Dança	( x ) Queimada
Não	( )	( )	( )
4. Qual é o local que você mais frequenta para se divertir?			
A escola	( )	( )	( x )
A sala de aula	( )	( )	( )
A rua do seu bairro	( )	( )	( )
A casa de amigos	( x )	( )	( )
O Shopping Center	( )	( )	( )
Os bares	( x )	( )	( )
A praia	( )	( x )	( )
O clube	( )	( )	( )
As danceterias	( x )	( )	( )
Outros lugares. Quais?	( )	( )	( )

**Tabela 3**

<b>A escola no olhar do (a) jovem.</b>			
<b>ALUNOS</b>	<b>PEDRO</b>	<b>MARIA</b>	<b>ANGELA</b>
<b>1. Você gosta de estudar?</b>			
Sim	( x )	( x )	( x )
Não	( )	( )	( )
<b>2. Do que você mais gosta na escola?</b>			
Das aulas	( )	( )	( )
Dos professores	( )	( x )	( )
Das brincadeiras	( )	( )	( x )
Dos colegas	( )	( )	( )
Da diretora	( )	( )	( )
Dos orientadores	( )	( )	( )
Dos coordenadores	( )	( )	( x )
Dos esportes	( )	( )	( )
Das conversas	( )	( )	( )
Da bagunça	( x )	( )	( )
Outros. Quais?			
<b>3. O que mais o (a) aborrece na escola?</b>			
As aulas	( )	( )	( )
Os professores	( )	( )	( )
As brincadeiras	( )	( )	( )
Os colegas	( )	( )	( )
A diretora	( )	( )	( )
Os orientadores	( )	( )	( )
Os coordenadores	( x )	( x )	( )
Os esportes	( )	( )	( )
As conversas na sala de aula	( )	( )	( )
A bagunça	( )	( )	( )
As agressões	( x )	( )	( )
Outros. O quê?			
<b>4. Qual o espaço da escola em que você mais aprecia ficar?</b>			
Sala de aula	( )	( )	( )
Corredores	( x )	( x )	( x )
Pátio	( x )	( )	( )
Os arredores da escola. Que local exatamente?		( )	( )
Outros. Quais?	( )	( )	( )

5. O que você mais teme na escola?			
ALUNOS	PEDRO	MARIA	ANGELA
Tirar nota baixa e ser reprovado	(x)	( )	(x)
Ser repreendido ou punido pelos adultos da escola	( )	( )	( )
Ser agredido fisicamente por colegas	( )	( )	( )
Ser agredido verbalmente por colegas	( )	( )	( )
Ser desprezado ou ignorado pelos colegas	( )	(x)	( )
Ser agredido pelos adultos da escola	( )	( )	( )
6. Você já foi agredido na escola?			
Por colegas	(x)	(x)	( )
Por professores	( )	( )	( )
Pela diretora	( )	( )	( )
Pela pedagoga	( )	( )	( )
Pelo orientador educacional	( )	( )	( )
Pela coordenadora	( )	( )	( )
Por outra pessoa. Quem?	( )	( )	( )
7. Caso tenha sido agredido, a agressão foi			
Verbal	( )	( )	( )
Física	(x)	(x)	( )
8. Você já foi punido na escola?			
Sim. Foi punido por quem?	(x) Pela Diretora	(x) Pela Diretora	( )
Qual foi a punição?	Suspensão	Suspensão	
Não	( )	( )	( )
9. O que você entende por violência?	É algo que não leva a nada, sem futuro, sem valor, violência gera violência.	É aquela pessoa que comete a violência contra a outra.	Bater e maltratar os outros.
10. Relate casos de violência ocorridos na sua escola?	Brigas entre colegas por causa de namorado (a)	Brigas e porradas com facas entre colegas.	Nunca viu
11. Sugira o que deve ser feito pela escola para se tornar um lugar menos violento para você e seus colegas?	Contratar professor que queira ensinar e investimento em quadra de esporte.	Punir quem briga, promover jogos e brincadeiras para integrar a galera.	Ter Ensino Médio para os jovens continuarem na escola